

Meninas em jogos de meninos – um estudo de caso na literatura infantil brasileira

Girls in boys' games – a case study in Brazilian children's literature

LETÍCIA FONSECA RICHTHOFEN FREITAS¹

ROSA MARIA HESSEL SILVEIRA²

RESUMO: A partir de estudos sobre literatura infantil e estudos de gênero, este entendido como marca identitária construída social e culturalmente, o objetivo do artigo é analisar, em livros infantis, o potencial de subversão das representações de gênero em relação a um esporte tradicionalmente definidor da masculinidade: o futebol, e de uma brincadeira correlata: o jogo de bolitas. Tal contestação se concretiza em tramas com protagonistas meninas jogadoras de futebol ou de bolita, cujo conflito narrativo se constrói na luta por espaços femininos em tais práticas. Analisam-se as obras *Nariz em pé*, *Joana Banana* e *Menina não entra*, observando-se que elas apresentam passagens marcadas por um viés formativo que foge a padrões estéticos. Por fim, verifica-se a forma de filiação das obras analisadas ao que Colomer (2003) aponta como tendência da literatura infantil mais recente: a aproximação das características atribuídas aos dois sexos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; literatura infantil; protagonistas femininas.

1. Formada em Letras, com Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Educação e pesquisadora do Núcleo de Estudos Sobre Currículo, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora adjunta no Centro de Letras e Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Letras-Mestrado da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS. E-mail: leticia.freitas@ufpel.edu.br.
2. Tem graduação e Mestrado em Letras, Doutorado e Pós-Doutorado em Educação. É coordenadora do Núcleo de Estudos Sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), professora permanente convidada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS e bolsista de Produtividade em Pesquisa 1C do CNPq. E-mail: rosamhs@terra.com.br.

ABSTRACT: Drawing on studies on children's literature and gender studies, and considering gender as socially and culturally constructed identity marks, this paper aims to analyze the subversive potential of gender representations in children's books concerning a traditionally male sport, soccer, and a related game, marbles. This argument becomes reasonable in plots with female protagonists as soccer or marble players, in which the narrative conflict is constructed around the struggle for female spaces in these practices. We have analyzed the books *Nariz em pé*, *Joana Banana* and *Menina não entra*, noting that they provide excerpts that are characterized by a style that escapes aesthetical standards. As a conclusion, we have observed that these works are related to what Colomber (2003) sees as a tendency in recent children's literature: features assigned to both genders are getting closer.

KEYWORDS: Gender; children's literature; female protagonists.

DUAS PALAVRAS SOBRE GÊNERO, ESPORTE E FUTEBOL

Ainda que, no espaço acadêmico contemporâneo, estejamos habituados a trabalhos que incorporam a categoria de gênero e, no espaço social mais amplo, esse seja um termo que já adquiriu uma relativa circulação, não podemos esquecer que “[...] a preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no final do século XX” (SCOTT, 1995, p.85) E foi a partir de então que o gênero, como marca identitária, construída no âmbito social e cultural para marcar a diferença dos sexos masculino e feminino, se tornou uma fecunda ferramenta analítica, cuja utilização se articula à contestação das concepções essencialistas e biológicas de ser homem e ser mulher. Nesse sentido, numerosos estudos já apontaram, conforme Louro observa, que “[...] as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (LOURO, 1997, p.23). Ou seja: diferentes maneiras de ser homem e de ser mulher, em suas funções sociais, atribuições, prerrogativas, direitos, “aptidões” e “vocações”, formas prescritas de vestir, agir, falar, comportar-se... são encontradas em diferentes contextos, mostrando o relativismo e o caráter construído dessa identidade genérica.

Tal é o caso, em parte do mundo ocidental contemporâneo e, de maneira que especialmente nos interessa, no Brasil, da associação estereotipada entre masculinidade e prática de futebol. Como é amplamente sabido, “[...] o esporte (no caso brasileiro, o futebol), usualmente [é] agregado como um interesse masculino ‘obrigatório’” (LOURO, 1999, p.23). Não apenas ele é entendido como marca

de masculinidade, como também a prática do esporte só recentemente (poucas décadas) vem se abrindo – e de maneira assaz tímida – à participação feminina, continuando a ser majoritariamente masculina. Afinal, parece que, em se tratando de futebol, o lugar preferencial das mulheres continua sendo o da torcida.

Alguns trabalhos empíricos corroboram a circulação desse estereótipo em diferentes contextos sociais. Silveira e Santos (2004), por exemplo, analisaram um acervo de textos narrativos produzidos por crianças de 70 diferentes cidades do Rio Grande do Sul, as quais tinham sido solicitadas a desenvolver o seguinte tema: *Foi num domingo ensolarado que tudo aconteceu. A turma toda, acompanhada da professora, saiu para visitar...* Ainda que a proposta não tivesse qualquer conotação de abordagem de gênero, as narrativas produzidas pelas crianças mostraram clara distinção entre as ações de meninas e meninos. Assim, ao relatar o que as meninas faziam nos passeios narrados, as crianças citaram “tomar banho de sol, dançar, jogar vôlei e basquete, brincar de roda, de casinha, de pegar, andar em balanços e gangorras, pular corda e passear”. Já para os meninos, descreve-se que eles “jogam bola, futebol, tênis, futsal e vôlei, andam de prancha, brincam de correr e pescar, fazem travessuras” (SILVEIRA; SANTOS, 2004, p.270). Ou seja: a naturalização da divisão genérica das ações – e a generificação do futebol – emerge em simples relatos de atividades cotidianas feitos por crianças na faixa etária dos nove aos onze anos.

Tenroller (2009) realizou trabalho de maior fôlego, dedicando-se a analisar os discursos que circulam, no Brasil, sobre a presença-ausência de mulheres/meninas na prática de futsal³. Debruçando-se sobre textos e imagens de jornais/revistas, capas de livros didáticos de futsal, questionários e entrevistas com alunos do ensino fundamental, o autor identificou neles a circulação de discursos que “[...] reforçam o privilégio do acesso e da prática do futsal ao gênero masculino”. Explicando melhor, o autor informa que “[...] foi recorrente e aceito como natural por ambos os gêneros, o entendimento de que as meninas são mais fracas e frágeis, não gostam e não sabem jogar futsal, embora, na resposta ao roteiro escrito, as meninas manifestassem vontade de praticá-lo”. (TENROLLER, 2009, p.7).

Essas são algumas rápidas contribuições que esboçam o pano de fundo de nosso trabalho, qual seja a associação entre futebol (e outro jogo também típico de

3. O futsal pode ser caracterizado como o futebol adaptado para prática em uma quadra esportiva, com times de cinco jogadores e outras modificações em regras, decorrentes de tal adaptação. Devido a menores exigências quanto às condições de praticá-lo, o futsal se popularizou largamente no Brasil, mas sua origem parece ter trazido consigo também o estereótipo de gênero.

meninos brasileiros – o jogo de bolitas) e gênero masculino. Já o tipo de material de análise, a literatura infantil, passamos a discutir agora.

A NARRATIVA PARA CRIANÇAS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Em relação à literatura para crianças, cabe lembrar inicialmente a afirmação de Hunt (2010, p.177) no sentido de marcar que a maioria dos livros para crianças prioriza a narrativa: “[...] de certo modo, eles são *sobre* a narrativa”; nesse sentido, eles constituem terreno fértil para análise de representações predominantes em certas épocas e contextos. De maneira mais específica, Colomer (2003), em abrangente pesquisa envolvendo 150 obras publicadas em língua espanhola ou catalã a partir da década de 1970, observou que a literatura infantil e juvenil tem apresentado, desde então, um “enorme impulso inovador” para atender um novo perfil de leitor. Tal perfil se configura com base em mudanças ocorridas nas sociedades pós-industriais e democráticas, mudanças essas que, segundo a autora, possibilitaram transformações nos temas e nos critérios dos autores em relação àquilo que seria adequado abordar, assim como na maneira de descrever o mundo e nos valores que são propostos e discutidos nas obras. Com base nesses e outros pressupostos, a pesquisadora aponta para uma diversidade de gêneros e de temas dos livros analisados e para mudanças relativas às personagens, ao cenário, à estrutura narrativa e ao desfecho das obras em questão.

Se nos voltarmos para o contexto editorial do Brasil e para as obras de autores brasileiros, observam-se, nas três últimas décadas, modificações que vão na mesma direção do que é abordado por Colomer, considerando a crescente permeabilidade entre a produção cultural de diferentes países do mundo ocidental, em especial. Uma gama muito mais ampla de temáticas, incluindo assuntos anteriormente tidos como tabu na literatura, como novas configurações familiares, suicídio, alcoolismo, desemprego, perseguições políticas, deficiência, racismo e preconceito, violência, passou a integrar os livros, num movimento que também serviu de caixa de ressonância às mudanças sociais mais amplas e às modificações legais em relação à educação brasileira, como a introdução curricular dos chamados Temas Transversais⁴. Por outro lado, a crescente preocupação com a “crise da leitura” e o consenso de que, para fomentar o gosto pela leitura, é necessário oferecer à criança abundante material de literatura infantil,

4. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os Temas Transversais para o ensino fundamental são: Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

resultaram não só no aumento exponencial dos títulos e tiragens para esse segmento de mercado, como também na implementação de programas governamentais de largo espectro que empreenderam a aquisição e distribuição de números elevados de títulos e volumes. Pode-se dizer, pois, que, no Brasil, o segmento da literatura infantil é um segmento em expansão e diversificação (também temática), desconsiderando-se neste momento, para a discussão, questões de qualidade literária e editorial.

Nesse contexto é que se situa o presente trabalho, cujo objetivo é analisar, em livros de literatura infantil de autores brasileiros (duas autoras e um autor), o potencial de subversão das representações de gênero masculino e feminino, no que diz respeito à prática do esporte mais definidor da masculinidade no Brasil: o futebol, e de uma brincadeira também tipicamente masculina: o jogo de bolitas. Os três livros escolhidos para o presente trabalho foram *Nariz em pé*, de Élcio Schueller, publicado em 1989, *Joana Banana*, de Cristina Porto, publicado em 2002, e *Menina não entra*, de Telma Guimarães Castro Andrade, publicado em 2006. As referidas obras têm em comum o fato de trazerem narrativas que tratam da questão de gênero, apresentando personagens femininas crianças que lutam por espaço e por reconhecimento em jogos de futebol – em *Joana Banana* e *Menina não entra* – e no jogo de bolas de gude – em *Nariz em pé*.

Vale lembrar, neste momento, que Colomer, ao classificar como inovadores alguns temas no *corpus* por ela analisado, neles inseriu “a não discriminação em função de sexo ou raça” (COLOMER, 2003, p.198-199), o que permite considerar que as três narrativas em análise abordam um tema inovador e o fazem com base em tramas semelhantes. Todas elas se desenvolvem a partir de um esquema canônico tradicional: apresentam uma situação inicial, uma mudança nessa situação inicial envolvendo uma transformação e uma resolução que marca uma mudança significativa (CULLER, 1999). De acordo com Reuter (2002, p.36), essa transformação é constituída de: “[...] um elemento (*complicação*) que permite movimentar a história e fazê-la sair de um estado que poderia durar; encadeamento das ações (*dinâmica*); outro elemento (*resolução*), que conclui o processo das ações, instaurando um novo estado, que vai perdurar até a ocorrência de uma nova complicação”.

No caso de *Joana Banana* e *Menina não entra*⁵, a situação inicial envolve a necessidade de se encontrar jogadores para montar um time de futebol: em *Joana Banana*,

5. Ressaltamos que as obras *Menina não entra* e *Nariz em pé* possuem pouco texto e se direcionam a leitores iniciantes; já *Joana Banana* apresenta uma narrativa verbal bem mais longa e complexa, direcionando-se a leitores proficientes.

faltava apenas um jogador para completar o time, substituindo um garoto que havia se mudado da cidade, e, em *Menina não entra*, a personagem Miguel inicia a trama em busca de mais dez meninos para formar um time de futebol. Já em *Nariz em pé*, temos a chegada da menina Claudinha à rua das Palmeiras e sua busca por amigos compondo a situação inicial da narrativa.

Logo a seguir, as narrativas se desenvolvem, abrindo espaço para a complicação, que emerge, nas duas primeiras histórias, justamente quando, para completar o time, surge uma menina – trata-se ou de Joana, apelidada de Joana Banana pelos meninos do bairro onde ela passa a morar (em *Joana Banana*), ou de Fernanda, nova vizinha e irmã de dois meninos que também jogariam no time do bairro, cujo nome é “Meninos Futebol Clube” (em *Menina não entra*). Já em *Nariz em pé*, a complicação vem da tentativa de Claudinha de participar do jogo de bolinhas de gude, disputado somente por meninos.

A partir desse elemento complicador comum – uma menina em jogos considerados de meninos – se desenvolvem as histórias, cujas tramas giram em torno das ações e atitudes dessas personagens no sentido de conquistar, por assim dizer, um espaço feminino nesse lugar masculino, provando a capacidade e o talento de cada menina e problematizando, assim, a pretensa “naturalidade” das diferenças entre gêneros. Vejamos como se desenvolvem as tramas e qual o papel das protagonistas nelas.

MENINA EM JOGOS DE MENINO: AS PERSONAGENS FEMININAS OCUPANDO ESPAÇOS MASCULINOS

Ao tratarmos do desenvolvimento dos enredos dos livros, gostaríamos de ressaltar a importância das personagens na construção narrativa, uma vez que elas têm um papel primordial na organização do enredo. Reuter (2002, p.41) afirma que as personagens “[...] permitem as ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido. De certa forma, *toda história é história de personagens*”. Também é necessário nas narrativas, conforme lembram Adam e Revaz (1997), “construir um mundo”, ou seja, situar os fatos e as personagens em um espaço e atribuir-lhes características.

Na esteira de tal argumento, Colomer (2003) também dedicou especial atenção às personagens na sua pesquisa. Ancorada nos estudos de Reuter, a autora explicita que as personagens “são um dos grandes pilares da ilusão realista de

qualquer obra”, determinando, no leitor, a verossimilhança, a coerência e a aceitabilidade do texto (REUTER, 2002, p.201).

Um dos primeiros pontos a destacar em nossa análise diz respeito à descrição física das personagens: em dois dos livros é descrita a maneira como as meninas se vestem (e relembremos como a questão da vestimenta é um crucial marcador de diferença de gêneros, em diversos contextos), sendo que, em *Nariz em pé*, o modo de se vestir de Claudinha, a protagonista, é usado como argumento pelos meninos para não aceitá-la no jogo de bolinhas de gude. Já no início, quando a menina se aproxima dos meninos que estão jogando, lê-se: “Claudinha apareceu como quem queria nada, de saia vermelha, blusa da mesma cor e, na cabeça, um laço de fita”⁶. Na mesma página, a ilustração mostra Claudinha em pé, com a vestimenta descrita, enquanto três meninos aparecem agachados, jogando bolinhas de gude, de calças compridas ou bermudas, e todos de tênis. É importante ressaltar que somente Claudinha, a menina, tem a sua roupa descrita, mas a ilustração marca uma diferença entre o modo como a menina e os meninos se vestem.

Ainda no que tange à maneira de se vestir, em *Joana Banana* é dado destaque ao fato de a menina não usar roupas consideradas típicas de menina. Tal fato é sublinhado em um diálogo entre os pais de Joana, cujo excerto merece destaque, até porque a passagem encena os embates sobre marcadores de gênero feminino na infância, de certa forma dando corpo a uma voz pedagógica:

— Você sabe que sempre sonhei em ter uma menina só pra poder enfeitar, vestir com aqueles vestidinhos cheios de babados, bem engomadinhos, laço de fita combinando, meias brancas e sapatos de verniz pretos... Ah, não sei a quem ela puxou!

— Foi a criação, Teresa, quero dizer, foi por ter sido criada praticamente no meio de homens. Nenhuma prima, só primos.

— E dos dois lados, Meu Deus, que falta de sorte! Até pra bonecas ela nunca ligou muito! Não me conformo! E as roupas, então? Sempre folgadas, não gostava de nada que apertasse, que incomodasse...

[...]

— É, você nunca me apoiou na tentativa de deixá-la mais feminina, mais delicada...

6. Tanto *Nariz em pé* quanto *Menina não entra* não são livros paginados; por isso não faremos menção à página nas citações de tais obras.

- Deixe de história, mulher! O importante é que Joana é uma boa filha, geniosa, tá certo, mas obediente, nunca deu trabalho na escola e tem um coração de ouro! Deixe que ela se vista como quiser! E que seja feliz assim, do jeito que é.
- É, no fundo acho que você tem razão... (*Joana Banana*, p.24).

No caso de Joana, além da vestimenta, a mãe ainda lamenta o fato de a menina não gostar de bonecas, uma preferência “feminina” de brinquedo, que sugeriria a naturalidade do “espírito maternal” nas mulheres. O pai, entretanto, ressalta que o caráter da filha é mais importante do que seu jeito “não tão feminino de ser”.

Como já mencionado, a vestimenta de Claudinha, na obra *Nariz em pé*, é utilizada pelos meninos como um argumento para que ela não seja aceita no jogo, o que faz com que ela tire, uma a uma, cada peça de roupa e seu laço de fita e as substitua por uma calça comprida, blusão e tênis. Um trecho do diálogo entre Claudinha e os garotos exemplifica tais exigências, quando ela inicia perguntando:

- Posso jogar agora?
- Poderia se você não usasse saia – falou Dudu com uma enorme cara de deboche. Claudinha virou as costas e rumou para casa. Os meninos pensaram, então, que finalmente a tinham vencido. Mas enganavam-se redondamente. Minutos depois ela voltou usando sabe o quê?... Calças compridas!

Quando, enfim, Claudinha atende às exigências dos meninos quanto ao vestuário marcadamente feminino, eles são compelidos a expressar a razão “de fundo” por que não a deixam participar do jogo: — *Não pode jogar, porque você é MENINA!*

Já na história de Fernanda, em *Menina não entra*, a narrativa logo é conduzida para o ponto central que gera a complicação e que é o motivo para que ela, em um primeiro momento, não seja aceita no time “Meninos Futebol Clube”: o fato de ela ser menina, já que, segundo os dez garotos “– Menina não entra!”. Apesar de não haver descrição física específica de Fernanda, como das outras protagonistas, nas duas páginas em que os meninos argumentam que ela não pode jogar por ser menina, as ilustrações mostram a garota em roupas de balé, ora dançando junto com uma bola de futebol, ora caída no chão e machucada, numa clara referência às justificativas dadas pelos meninos e que giram em torno dos clichês sobre aquilo que é considerado “coisas de menina”, segundo transcrevemos: “– Futebol é coisa de menino. – Meninas fazem balé! – Vai sair machucada... – Garotas não sabem

de nada!” Observe-se como se reeditam aqui os argumentos que Tenroller (2009) encontrou nas entrevistas com meninas e meninos “de carne e osso”, quando questionados sobre a presença de meninas na prática de futsal, argumentos esses que apontam para a pretensa fragilidade e ignorância das meninas em relação ao esporte. Entretanto, Fernanda insiste, argumenta e acaba por ser admitida no time.

Em relação ao livro *Joana Banana*, sua estrutura narrativa é mais complexa, já que apresenta mais de uma complicação. Em um primeiro momento, é apresentada ao leitor a situação inicial, em que um grupo de garotos de uma cidade pequena espera com ansiedade o caminhão de mudança de uma família que vai ocupar uma casa vazia, anteriormente habitada por uma família cujo filho era membro do “Espelunca Futebol Clube”. A ansiedade dos meninos é fruto da expectativa de que chegue um substituto para Zito, cuja mudança deixou o time desfalcado. Entretanto, há surpresa e decepção ao se darem conta de que é uma menina, Joana, logo apelidada pelos meninos de Joana Banana, que veio com seus pais para a casa onde morava Zito.

Assim como nos outros dois livros analisados, o conflito inicial se dá justamente pelo fato de as personagens femininas quererem ocupar um espaço em jogos considerados masculinos. No caso de Joana, essa vontade de ocupar um espaço no time de futebol é fomentada também pelo desafio de provar a quem lhe atribuiu o apelido de “Joana Banana”, que ela não era “nenhuma banana”. No trecho abaixo, destacamos o momento em que Joana conhece Maneco e Duda, dois dos meninos moradores do bairro, entende o porquê do apelido e decide que quer jogar no time:

— Bem, o negócio é o seguinte: a gente está com o time desfalcado faz um tempão, desde que o Zito foi embora. O Zito morava na casa onde você está morando, não é, Maneco?

— É. É isso aí que o Duda falou. A casa ficou desocupada um tempão e a gente esperando que chegasse um menino pra ser nosso ponta-esquerda.

— Isso mesmo. E, depois de esperar todo esse tempão, chega você uma Joana e não um João, né, Maneco?

— É, é isso aí que o Duda falou. Será que dá pra entender agora por que a gente só podia chamar você de Joana Banana?

— Ah, então a história é essa? Pois vou mostrar pra vocês que não sou nenhuma banana, ouviram bem? (*Joana Banana*, p.13).

Frente à insistência de Joana, o grupo se reúne, discute e decide então aceitá-la no “Espelunca Futebol Clube”, decisão que foi tomada entre discussões e divergências, mas “[...] a vontade de participar do Campeonato Varzeano, mesmo correndo o risco de se tornar alvo de gozação, foi mais forte do que qualquer preconceito. Pelo menos em sete das dez cabeças que tiveram que optar.” (*Joana Banana*, p.16).

O “Espelunca Futebol Clube” disputa então o campeonato e Joana vai conquistando seu espaço no time, movida, em grande parte, pela raiva que sentiu ao ter sua habilidade colocada em questão pelo fato de ser menina, justamente no momento em que seu time perdia, como podemos observar no excerto abaixo:

De cabeça quente, o já esquentado Noel não aguentou: chegou bem perto de Joana e disparou:

— Não falei que isso não ia dar certo, sua Banana Nanica Podre de Madura?

Quem estava longe não entendeu nada, mas percebeu, pela reação da menina, que algo muito grave tinha acontecido ou estava para acontecer. Joana ficou vermelha, parecia até inchada de tanta raiva, prestes a explodir em cima de Noel, mas conseguiu desviar o sentimento para a bola que lhe caiu, de presente, no pé esquerdo. (*Joana Banana*, p.26).

A partir de então, sua habilidade em jogar começa a ser reconhecida, com a torcida gritando seu nome no final da partida, e Joana “[...] se sentiu segura e tranquila para enfrentar a semana de preparação para a partida decisiva do domingo seguinte” (*Joana Banana*, p.29). Esse conflito inicial é solucionado com o reconhecimento de Joana como boa jogadora na partida final do campeonato, que consagrou o “Espelunca Futebol Clube” campeão.

Contudo, de maneira diferente do que ocorre nas duas outras obras, o fato de a menina ser reconhecida como talentosa não finaliza a narrativa, uma vez que outro conflito surge no momento em que Joana, apesar do talento, é substituída por outro jogador, um menino. Joana fica furiosa e indignada com o preconceito, o machismo e a ingratidão do grupo. Tal fato desencadeia uma decisão reativa de Joana – formar um time de futebol só de meninas, o Vitória Futebol Clube, para enfrentar o Espelunca – e dá sequência à narrativa.

Paralelamente a isso, uma outra situação vai mobilizar e transformar Joana (e trazer novo ingrediente ao enredo): ela conhece, na escola, Geninho, e se apaixona por ele. O livro narra, além da mobilização da menina para criar o “Vitória Futebol Clube” e treiná-lo, sua aproximação de Geninho – que se descobre, depois, ser o menino que

substituiu Joana no “Espelunca Futebol Clube”. Quando Geninho sinaliza que quer namorar Joana, ela responde que prefere esperar pelo menos até a partida de futebol contra o Espelunca passar. Pode-se especular se a opção da autora em inserir na trama o interesse de Joana por um colega poderia ser lida como uma busca de afugentar qualquer “leitura” de homossexualidade da protagonista, que inclusive poderia ter sido alimentada pelas suas preferências de vestimenta e por suas atitudes. Afinal, se as questões de contestação de estereótipos de gênero só mais recentemente chegaram à literatura infantil, a temática da orientação sexual que foge à heteronormatividade é, ainda, muito mais rara e difícil de ser abordada em tal literatura.

De qualquer forma, é interessante ressaltar a busca de complexificação da protagonista da história; apesar da tentativa de aproximar Joana do universo feminino a partir do sentimento despertado por Geninho (e ela pede para a mãe comprar “vestidos” e os traja, como se se “rendesse” aos marcadores de feminilidade para “conquistar” o seu objeto de amor), ela simplesmente não desiste de sua meta principal – o time de futebol – como as heroínas românticas, mas persiste em seus objetivos prévios. De forma similar às protagonistas das outras obras, Joana também é uma personagem forte e determinada, mas é construída de forma mais complexa e multifacetada do que as outras.

E como se resolvem, então, os conflitos trazidos pelas obras?

A RESOLUÇÃO DOS CONFLITOS

O desfecho das obras é crucial para analisarmos as soluções dos conflitos provocados pela atitude das três protagonistas e verificarmos quais lições são, de certa forma, trazidas pelas obras, mesmo que elas não possuam um cunho pedagógico explícito. Aliás, cabe sublinhar aqui a importância do desfecho, sobretudo para os livros que se destinam a crianças mais jovens. Nesse sentido, Hunt ressalta que

[...] durante as primeiras fases de desenvolvimento, as crianças preferem histórias com um elemento de “desfecho” – isto é, [n]aquelas que permitem a “sensação de um final”. Mais que isso, elas preferem que algo seja resolvido, que a normalidade seja restabelecida, que a segurança seja enfatizada. (HUNT, 2010, p.187).

Embora Colomer (2003, p.286) aponte a adoção de outros tipos de final em um terço das obras por ela analisadas, a autora reconhece que “[...] o desenlace

tradicional da narrativa infantil e juvenil é o desaparecimento positivo do problema proposto”. As três obras analisadas obedecem a essa premissa mais tradicional do desenlace das histórias, mesmo que apresentem algumas especificidades. Em *Menina não entra*, “sela-se a paz” entre meninos e meninas – a ilustração final do livro apresenta Fernanda em um círculo, de mãos dadas com os meninos do time. Nessa obra, aliás, o reconhecimento feminino e a mudança de atitudes dos meninos aparecem de forma mais explícita e marcada, sendo que Fernanda recebeu, inclusive, um convite do time adversário, a que Miguel respondeu: – *Nem pensar! Agora ela é capitã!* Além disso, o “Meninos Futebol Clube” resolve “abrir vagas para meninas e mudar o nome do time: Todo Mundo Futebol Clube”, numa solução pacificadora e quase celebratória.

Em *Joana Banana*, o conflito é resolvido com a vitória do time feminino. Mesmo que na hora da derrota o time do Espelunca tenha relutado um pouco em reconhecer a superioridade das adversárias, o livro apresenta um tom de conciliação – com a vitória do Brasil na Copa do Mundo – com uma clara lição de aceitação das diferenças:

Depois da comemoração no restaurante, o pessoal foi continuar a festa na rua. E aí, sim, a confraternização foi geral! As diferenças foram esquecidas, as rivalidades deixaram de existir. Não havia vitorianos nem espelunquenses: ali eram todos brasileiros, comemorando uma vitória maior, a do próprio país, cuja equipe tinha honrado a camisa! Não havia espaço para sentimentos menores, mesquinhos. (*Joana Banana*, p.126).

Cabe lembrar, ainda, que Joana e Geninho formam um par no final feliz do livro.

Por fim, a obra *Nariz em pé* se diferencia um pouco das outras, uma vez que Claudinha vence o jogo de bolas de gude, mas não há menção ao reconhecimento dos meninos e nem a uma certa conciliação entre os gêneros. Depois de ter trocado suas vestes “femininas” por “masculinas”, para ver se era aceita pelos meninos, a protagonista, novamente trajada com saia e laço de fita, aparece repentinamente, intromete-se na partida, vence-a e simplesmente vai embora, “de nariz em pé”:

Era a Claudinha que, com saia, laço de fita e tudo, ajoelhou-se no chão e, com gudes e mais gudes, ganhou feliz da vida todas as bolinhas do jogo. Os meninos ficaram com cara de tacho, sem saber o que fazer. E lá foi Claudinha pela rua das Palmeiras. Ia toda rebolando, exibindo satisfeita a sacola e os bolsos da saia cheia de bolinhas: tlinec, tlinec, tlinec.

Uma possibilidade de leitura do desfecho é trazida por Silveira e Santos (2007, p.292), em análise do mesmo livro, que propõem que:

[...] o fato de que Claudinha volte a vestir seu vestido vermelho e colocar sua fita, e volte a “parecer menina”, mas ganhe “com gudes e mais gudes” todas as bolinhas do jogo [...] aponta para um entendimento do tipo “não preciso deixar de ser menina, para jogar “jogo de meninos” e “vencer”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse percurso analítico sobre três obras de literatura infantil brasileira contemporânea que tematizam a questão de gênero através da contestação de uma relação estereotípica futebol/jogo de bolitas – gênero masculino, podemos fazer algumas observações mais gerais. Vimos como se concretiza tal contestação através de enredos em que avultam protagonistas meninas que reivindicam o direito a participarem dos jogos dos meninos, tornam tal reivindicação um fato e, graças ao seu sucesso, abrem passagem para a permanência dessa inclusão, problematizando-se, assim, a pretensa “naturalidade” das diferenças entre meninos e meninas neste campo. De alguma forma, entretanto, contaminadas por uma intenção programática subjacente, algumas passagens das obras se ressentem de uma marca formativa e pedagógica, em que se explica ao leitor o aspecto convencional de tais construções. Assim, em *Menina não entra*, a protagonista menina rebate as reações dos meninos à sua intenção de entrar no time com uma fala que soa quase adulta e bastante inverossímil: – *Coisas de menino, coisas de menina... Quanto preconceito!* Por outro lado, podemos ver nesse livro uma tendência recorrente em outras obras que tematizam diferenças como a deficiência, por exemplo: o “diferente” (no caso, a menina) deve compensar tal “diferença” com uma virtude em grau excepcional. Ou seja: Fernanda não apenas joga bola, mas é excelente jogadora, faz gols e chega a ter seu passe disputado... Aliás, o texto da quarta capa não deixa muitas dúvidas sobre a intenção formativa do livro; nele se lê que o livro pertence a uma coleção formada por “[...] histórias marcadas pela imaginação e pela fantasia, que, de maneira envolvente, mostram ser sempre possível aprender com as diferenças”.

Pode-se articular a análise agora realizada com achados da pesquisa feita por Colomer (2003, p.296), quando observa, em relação à abordagem do gênero na literatura infantil, que “[...] os valores ideológicos difundidos durante os anos

setenta propiciaram uma intervenção decididamente feminista nos livros dirigidos às crianças”. A autora, entretanto, ainda aponta debilidades em tais intervenções, embora aponte como positivos “o aumento do protagonismo feminino entre os personagens infantis e adolescentes”, a “aproximação das características atribuídas aos dois sexos, apresentando meninas com iniciativa e meninos sensíveis” e, por último, a “denúncia [...] da agressividade e competitividade masculina”. De certa maneira, as três características – ao menos em parte – foram encontradas nas tramas examinadas, ainda que, em certas passagens, os autores pareçam ser compelidos a confirmar outros estereótipos de gênero. Joana, por exemplo, ao se apaixonar por Geninho, quase automaticamente deve se vestir de forma mais feminina, enquanto a personagem feminina adulta mais importante na trama, sua mãe, em quase tudo reforça o estereótipo da mulher cuidadora, prendada, amorosa e preocupada com a “feminilidade” da filha. Mas, enfim, as protagonistas das três histórias, embora de maneira diferente, podem ser encaixadas nesse nicho de protagonistas meninas determinadas, subvertendo uma imagem mais doce e submissa ligada à condição feminina.

Ainda que se possa questionar, do ponto de vista literário, o prejuízo que um certo compromisso programático em questionar os estereótipos de gênero pode trazer (e traz em proporção variada...) a livros de literatura infantil sobre o tema, é forçoso reconhecer que a literatura para crianças, como caixa de ressonâncias das mudanças, reconfigurações e transformações da sociedade, incluindo o desmonte dos preconceitos de gênero, tem efeitos nas almas infantis que o simples manuseio de suas folhas não permite a nós, leitores adultos, estimar com exatidão.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M.; REVAZ, F. *A análise da narrativa*. Tradução de Maria Adelaide Coelho da Silva e Maria de Fátima Aguiar. Lisboa: Gradiva, 1997.
- COLOMER, T. *A formação do leitor literário*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- CULLER, J. *Teoria Literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- HUNT, P. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.) *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.9-33.

- REUTER, Y. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.
- SILVEIRA, R. M.; SANTOS, C. A. Gênero e diferença em textos escolares infantis. In: CARVALHO, M. J. S.; ROCHA, C. M. F. (org.) *Produzindo gênero*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.267-278.
- _____. A problematização do gênero na literatura infantil: um estudo de caso no contexto brasileiro. In: AZEVEDO, F; ARAÚJO, J. M; PEREIRA, C. S; ARAÚJO, A. F. (org.) *Imaginário, identidades e margens – estudos em torno da Literatura Infanto-juvenil*. Porto: Edições Gailivro, 2007. p. 287-297.
- TENROLLER, C. A. *Meninas e futsal: um estudo sobre questões de gênero da Educação Física na escola e para além de seus muros*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2009.

Livros analisados

- ANDRADE, T. G. C. *Menina não entra*. Ilustrações de Ellen Pestili. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.
- PORTO, C. *Joana Banana*. Ilustrações de Alcy Linhares. São Paulo: Ática, 2002.
- SCHUELLER, É. *Nariz em pé*. Ilustrações de Rosa Schettino. Belo Horizonte: Editora LÊ, 1989.